

ENTRE DUNAS, PRAIAS E LAGOAS: a participação de crianças nas estratégias familiares de comunidades tradicionais do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses nas atividades do turismo¹

Ana Luiza Sousa Romeiro (UFMA/MA)

Benedito Souza Filho (UFMA/MA)

Palavras-chave: PNLM. Turismo. Crianças.

Introdução

Este trabalho é resultado de investimentos de pesquisas realizados na comunidade tradicional² de Atins, município de Barreirinhas-MA, entre os anos de 2016 e 2019. O objetivo dos esforços de pesquisa era o de compreender a participação de crianças e jovens nos arranjos familiares dessa comunidade tradicional de pescadores e marisqueiras, localizada no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, doravante PNLM.

No contexto de realização dessa pesquisa, pudemos perceber que em Atins, devido às interferências do Estado nas atividades tradicionalmente realizadas, e o incremento do turismo na região, membros das unidades familiares passaram a trabalhar em estruturas turísticas que foram sendo construídas em Atins por agentes econômicos “não membros” dessa comunidade, vindos de outras partes do Brasil e até de outros países.

O envolvimento das famílias com as atividades de turismo ocorreu como uma alternativa econômica para auxiliar na manutenção da unidade doméstica e como estratégia para permanecer em seus lugares de residência e trabalho. Entretanto, a realização de atividades relacionadas ao turismo pelos adultos, somente era (e ainda é) possível porque crianças e jovens dessa comunidade passaram assumir maiores funções relacionadas às atividades tradicionalmente realizadas (pesca, mariscagem, criação de animais) como também àquelas relacionadas ao ambiente doméstico durante a alta do turismo, o que permitia às famílias compatibilizar a realização de diferentes atividades ao longo do ano.

Cabe destacar que a divisão do trabalho familiar estava também relacionada com um quadro de incentivo ao turismo pelo Estado e o envolvimento de agentes políticos e econômicos que tinham interesse na realização do turismo em bases empresariais. Tal

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² A categoria comunidades tradicionais é aqui utilizada para referir-se às unidades sociais e territoriais presentes no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Esse entendimento segue às caracterizações elaboradas por Cunha e Almeida (2009) e Barreto Filho (2006), definidoras de um modo de vida específico a partir de formas particulares de uso dos recursos e de interação com a natureza.

cenário desenhava implicações negativas (sociais, econômicas e socioambientais) para as comunidades tradicionais de Atins e Canto do Atins, localizadas em áreas de praia e grande interesse turístico.

Entre os anos de 2020 e 2022, contexto de intensificação dos interesses na dinamização do turismo no PNLM, tivemos a oportunidade de perceber também a participação de crianças e jovens dessa comunidade nos arranjos produtivos das famílias que, não apenas trabalhavam nas estruturas dos empresários, mas que conseguiram construir suas próprias estruturas de atendimento ao turismo. Isso nos permitiu acompanhar as crianças que foram crescendo nesse contexto de intensificação do turismo.

Antes da criação do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses em 1981³, essa grande região já abrigava famílias que historicamente vivem e trabalham em diferentes localidades, cujo modo de vida se consolidou a partir de saberes específicos e formas particulares de interação com a natureza.

A partir de uma visão de vazio demográfico, e desconsiderando a anterioridade da ocupação desse território por grupos sociais autoidentificados como agricultores, produtores de castanha de caju, extrativistas, artesãos, criadores, pescadores e marisqueiras, a criação dessa unidade de conservação ocorreu sem que a presença dessas comunidades tradicionais⁴ fosse registrada pelo Estado (Dias, 2017) e muito menos informadas ou consultadas. Somente em 2007, com a chegada dos agentes do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)⁵ em Barreirinhas, esses grupos passaram a ter conhecimento das novas finalidades e usos permitidos para essa área, além das implicações disso para suas formas de existência.

Atualmente, em um movimento de produção desse lugar-território como um “local turístico” (Urry; Larsen, 2021), o Estado brasileiro tem criado um conjunto de políticas de desenvolvimento que visam viabilizar o aproveitamento econômico dessa unidade de conservação por meio do estabelecimento de parcerias com o setor privado e o terceiro setor.

Nesse novo cenário, em que o Estado brasileiro tem convertido a “natureza” – ser vivo – em “meio ambiente” – abstrato, passivo, sem vida – (Sachs, 2000) e, portanto, passível de ser gerido e comercializado como atrativos na cadeia do turismo nacional e

³ O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi criado em 1981, por meio do Decreto 86.060.

⁴ De acordo com o relatório antropológico realizado pelo Grupo de Estudos Rurais e Urbanos (Andrade, M. P.; Souza Filho, B., 2017), foram identificadas cerca de 60 comunidades tradicionais no PNLM correspondente aos municípios de Barreirinhas, Santo Amaro e Primeira Cruz, no Maranhão.

⁵ Órgão criado pela lei nº 11.516 de agosto de 2007.

internacional, “bens comuns” têm sido apropriados por agentes políticos e econômicos e transformados em “mercadorias” destinadas à contemplação por quem pode pagar (Federici, 2019).

Nesse novo cenário, agentes econômicos do ramo do turismo têm ocupado “gradualmente” locais estratégicos dessa unidade de conservação e se constituído como potenciais ameaças à modificação da paisagem local e à reprodução social e material desses grupos sociais. Entre esses locais estratégicos, encontra-se a comunidade tradicional de Atins, uma vila de pescadores e marisqueiras localizada na porção do PNLM correspondente ao Município de Barreirinhas – Maranhão.

Portanto, levando em consideração as intervenções do Estado, por meio dos agentes do órgão ambiental (ICMBio), de empresários do ramo turístico e as transformações na vida social provocadas pelo incremento do turismo nessa região, o presente trabalho busca refletir sobre o papel das crianças nos arranjos familiares voltados a liberar alguns de seus membros para participarem de atividades ligadas ao turismo, como forma de auferir renda complementar para auxiliar na reprodução social e material das famílias de Atins, uma comunidade tradicional convertida em dos principais destinos de turistas nacionais e estrangeiros que visitam o PNLM.

Ao considerar tais arranjos como estratégias familiares para obter renda complementar às atividades tradicionalmente realizadas, o trabalho procura entender também a agência de crianças como parte das formas de resistência cotidiana (Scott, 2002) das famílias para permanecer nos seus lugares de residência e trabalho.

Atins: alguns aspectos do universo empírico desse estudo

Parcialmente inserida dentro dos limites do PNLM, está a comunidade tradicional de Atins. Localizada na chamada *região das praias*, próxima ao campo de dunas e lagoas, sua história de ocupação está relacionada com as atividades de pesca. Conforme descrito por Santos (2018), os pescadores de Atins apresentam várias narrativas sobre como este local, inicialmente voltado exclusivamente para a prática da pesca, tornou-se também um local de residência.

Uma das principais versões relaciona essa transformação de Atins à construção de ranchos⁶ por pescadores vindos de distintas localidades do PNLM, a exemplo de Mandacaru e Santo Inácio, comunidades próximas de Atins, bem como de localidades mais distantes como, Buriti Amarelo, Tucuns, Santo Antônio e Tratada dos Carlos. Além

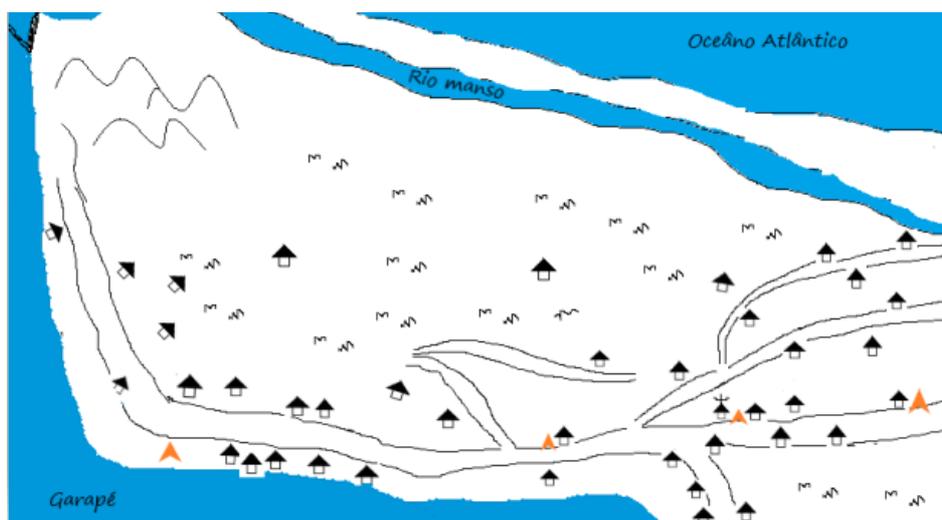
⁶ Os *ranchos* são estruturas construídas em pontos próximos à praia que servem como locais de permanência de pescadores e suas famílias durante a pescaria ou mariscagem.

da pesca e mariscagem, a criação de animais e a confecção de artesanatos à base de fibra de buriti⁷ são atividades recorrentes entre as famílias dessa comunidade.

Na parte de Atins localizada dentro dos limites do PNLM, foi identificada a presença de 44 famílias, totalizando 160 pessoas com idades variando entre 0 e 98 anos. Essas famílias são compostas por 84 mulheres e 76 homens, distribuídos em 40 casas. Além das unidades residenciais, existe uma igreja católica (Igreja São Francisco), uma Cooperativa de Transporte Turístico (COOPERTRANSATINS) criada pelos próprios moradores, bem como um restaurante, uma agência de turismo e uma pousada/agência pertencentes a famílias dessa comunidade.

Já na parte de Atins situada fora dos limites do PNLM, encontramos diversas edificações. Além de casas das famílias, existem duas escolas: o Colégio Gonçalves Dias, destinado a alunos com idades entre 4 e 10 anos, e o Colégio José Serejo de Carvalho, que atende estudantes de 11 e 19 anos. Essa parte de Atins conta também com um posto de saúde, uma igreja católica (Igreja São Pedro), duas igrejas evangélicas (Igreja Adventista do Sétimo Dia e Assembléia de Deus), três estabelecimentos comerciais, uma padaria, uma farmácia, uma frutaria e uma associação de moradores, esta última criada durante a pandemia para realizar ações com intuito de arrecadar fundos para prestar assistência aos enfermos. Também estão presentes diversas estruturas de apoio ao turismo, pertencentes tanto aos empresários quanto as famílias dessa comunidade.

Figura 1 – Representação espacial da parte de Atins localizada dentro dos limites do PNLM com adição das estruturas de atendimento ao turismo pertencentes as famílias dessa comunidade



Fonte: Elaborado pela autora a partir de desenhos feitos em 2019 por Mailson (16 anos) e André (13 anos)

⁷ Para maiores detalhes sobre os usos da fibra de buriti para produção artesanal, ver Pereira (2018).

Perseguindo o objetivo de deixar que as crianças me apresentassem Atins, realizei em 2019 uma atividade de confecção de desenhos com elas e dois serão aqui apresentados juntamente com a transcrição dos diálogos em que comentavam seus desenhos.

Desenho 1 – feito por Sara (7 anos)



P – Como é teu nome?

Sara – Sara.

P – O que é isso aqui Sara? (apontando para o desenho)

Sara – Uma casa.

P – De quem é essa casa?

Sara – Hammm, minha.

P – E isso aqui?

Sara – Um arco-íris. Uma nuvenzinha.

P – E essa aqui?

Sara – Outra nuvem.

P – E isso?

Sara – Uma árvore.

P – E esse?

Sara – Um pássaro que fica voando.

P – Tu sabes o nome?

Sara – Nãoooo.

P – Quem é esse?

Sara – É um cachorro.

Maria – Parece um gato.

P – Qual é o nome dele?

Sara – Um gatinho pequeno.

P – Tu tens um gatinho pequeno?

Sara – Tenho.

P – Ele tem nome?

Sara – Nãoooo.

P – E quem são esses?

Sara – São minha família. Meu pai, minha mãe, eu, minha irmã, minha outra irmã e minha outra irmã.

José – A Janaína, né?

P – Olhaaa, muito bonito. Tens quantos anos Sara?

Sara – Tenho sete.
P – Tu moras onde?
Sara – Moro, como é que eu vou dizer? Atins.
P – Tu moras perto da praia?
Sara – Não.
José – Lá perto do garapé.
P – Tu moras perto do Igarapé? Tu gostas de tomar banho no Igarapé?
Sara – Quase todo garapé.
P – Hummm.
(Sara, 7 anos, 03 de abril de 2019).

É importante observar o tamanho dos diferentes elementos presentes no desenho. A família e os animais são representados com um tamanho bem pequeno quando comparados ao da árvore, da casa e do sol. A repetida referência às casas nos desenhos, demonstra a centralidade que representam para as crianças. A casa representa a fixação no lugar, como lugar de identidade, de permanência. É por essa razão que nesse desenho é representada em dimensões maiores, juntamente com outros elementos, com cores fortes, como forma de marcar essa distinção de importância.

Desenho 2 – feito por Sofia (7 anos)



P – Sofia o que tu desenhaste?
Sofia – Eu desenhei o Bile.
P – Quem é o Bile?
Sofia – O meu cachorro! Ele é preto e branco.
P – Ele é um dalmata?
Sofia – Humm, é.
P – O que são esses aqui.
Sofia – Uns peixinhos.
P – E eles estão dentro de que?
Sofia – Da água.
Antônia – Da água não, do poço.
P – E isso aqui é o que?
Sofia – Um arco-íris.
P – E aqui é a tua casa?

Sofia – É.
P – E tu moras onde?
Sofia – Pra li.
P – Pra li? (As crianças sorriram quando ela apontou para o chão)
Aqui em Atins é?
Sofia – É.
P – Tu tens quantos anos Sofia?
Sofia – Sete.
P – Tu gostas de tomar banho no Igarapé?
Sofia – Gosto.
P – Tá lindo, Sofia!
(Sofia, 7 anos, 03 de abril de 2019)

Algo que chama atenção nesse desenho, e que também aparece no desenho de Sara, são os tamanhos dos elementos representados, nesse caso, o peixe e a casa aparecem ampliados, como se a pequena Sara quisesse dar destaque a ambos. É interessante observar os elementos que as crianças enfatizam. Mais do que simples desenhos de casas, animais e determinados ambientes, as crianças de Atins põem em evidência os elementos que simbolicamente representam o sentido de lugar e o seu modo de vida. Ao apresentarem suas casas, seus bichinhos de estimação, o “garapé”, como denominam o igarapé, o que pescam quando acompanham seus pais, esses pequenos agentes reforçam o significado que tais elementos representam nas suas vidas e de suas famílias.

Dupla interferência na reprodução social e material das famílias de Atins

Por estarem parcialmente inseridos dentro dos limites do PNLN, os grupos sociais de pescadores e marisqueiras da comunidade de tradicional de Atins, têm sofrido interferências em sua reprodução social e material.

As proibições e restrições do órgão ambiental ICMBio, relativas aos usos dos recursos naturais historicamente manejados pelas famílias, representam uma primeira interferência à sua reprodução social e material. Relatos dos moradores mencionam as proibições por parte do órgão ambiental de construção de casas para recém-casados, confisco de apetrechos de pesca, ameaças de aplicação de multas pela criação de ovelhas e gado bovino solto. Tais ações acabam por cercear atividades tradicionalmente realizadas e comprometer a reprodução social e material dessas famílias que se veem numa zona de indeterminação.

Neste contexto, o acesso ao mar, os recursos para a criação de animais e até mesmo a possibilidade de construir novas moradias para os filhos estão sujeitos ao controle dos agentes do ICMBio, muitas vezes caracterizada pelas famílias como arbitrária, dado que estas dependem das relações estabelecidas pelos agentes com determinados grupos familiares.

Isso se deve ao fato de que o PNLN está inserido em um modelo de proteção integral, cujo princípio fundamental é a preservação de uma "natureza intocada", conforme defendido por Diegues (2008). Esse conceito implica na concepção de uma natureza desabitada, separada do humano, que é frequentemente percebido como um "predador perigoso" (Silva, 2012).

Partindo de um contexto marcado pela rápida expansão urbano-industrial dos Estados Unidos, os preservacionistas americanos propuseram a criação de "ilhas" de conservação ambiental, caracterizadas por sua beleza cênica, onde a relação homem-natureza seria mediada por leis, em um espaço supostamente controlado. Nesse contexto, os seres humanos seriam meros espectadores, capazes apenas de apreciar e reverenciar a "natureza selvagem" sem interferir nela (Diegues, 2008). Esse modelo de preservação ambiental serviu de inspiração para a criação de unidades de conservação em diversos países, incluindo o Brasil.

A transposição desse modelo de conservação para países como o Brasil, gerou diferentes conflitos em torno das concepções (Little, 2004) e dos usos dos espaços já territorializados (Little, 2018) por "[...] populações indígenas e outros grupos tradicionais que desenvolveram formas de apropriação comunal dos espaços e recursos naturais" (Diegues, 2008, p. 15). No caso do PNLN, o objetivo dos órgãos gestores parece sempre ter sido a exclusão das comunidades tradicionais caracterizadas pelo Estado como "invasoras".

A segunda interferência na organização social e econômica das famílias da comunidade tradicional de Atins decorre da inserção do PNLN no mercado turístico. Partindo da discussão sobre a exploração do turismo em parques nacionais, é importante termos em mente que "um ambiente físico não produz um lugar turístico por si só. Um amontoado de areia com textura adequada não é nada até que se torne um castelo de areia. Precisa ser transformado em edifícios, sociabilidades, vida familiar, amizade e memórias" (Urry; Larsen, 2021, p. 223). A mera existência de recursos naturais não foi suficiente para originar o interesse turístico pelo PNLN.

O turismo no PNLN experimentou um crescimento significativo a partir de 2003, impulsionado pela inauguração da rodovia MA-402, que reduziu o tempo de viagem entre São Luís e Barreirinhas. Além desse marco, diversos outros fatores contribuíram para o aumento expressivo do fluxo turístico na região. Destacam-se a integração do PNLN no Plano de Desenvolvimento Integral do Turismo do Maranhão (Dias, 2017), a construção

de um aeroporto em Barreirinhas⁸, os trabalhos em andamento para a construção de uma ponte que ligará Barreirinhas aos Lençóis Maranhenses, substituindo as antigas balsas utilizadas para cruzar o Rio Preguiças⁹, e, mais recentemente, a candidatura do PNLM ao título de Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO¹⁰.

No governo Bolsonaro (2019-2022), o PNLM foi inserido na pasta de concessões de serviço de apoio à visitação (BRASIL, 2019). Foram realizadas alterações pontuais no seu plano de manejo (BRASIL, 2022a) para viabilizar o processo de desestatização e foi aprovado um novo plano de uso público (BRASIL, 2022b) para essa unidade de conservação.

No atual governo Lula, o PNLM foi retirado da pasta de concessões¹¹ e foi escolhido como primeiro parque nacional brasileiro a ser alvo de um conjunto de ações que dão prosseguimento a uma agenda nacional iniciada em 2017 que visa viabilizar o aproveitamento econômico de unidades de conservação federais por meio do incremento de atividades turísticas nessas unidades e em seus entornos. Tais ações estão sendo construídas por meio do estabelecimento de parcerias interinstitucionais, com o terceiro setor e com o setor privado.

Além disso, Urry e Larsen (2021) argumentam que durante as férias os turistas tendem a visitar destinos que já foram amplamente divulgados na televisão, em panfletos e na internet. Ao discutir a origem do turismo, Peirano (2009) também destaca o papel crucial desempenhado por escritores e publicistas “[...] na criação das ideias românticas de reencontro com natureza e a história, as águas, o mar e o patrimônio cultural” (Peirano, 2009, p. 18). Uma pesquisa rápida na internet sobre o PNLM revela uma ampla gama de imagens, vídeos, notícias, propagandas e outros conteúdos que contribuem para a construção de um imaginário turístico em torno desse destino.

Em termos de frequência, o turismo no PNLM segue duas distintas fases: a alta temporada e a baixa temporada. A variação sazonal (Mauss, 2003) no PNLM possibilita a existência de dois períodos notadamente contrastantes: o período denominado localmente de inverno (janeiro a junho), período de precipitação das chuvas e de

⁸ Disponível em <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/01/19/barreirinhas-tera-voe-direto-com-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁹ Disponível em <https://pge.ma.gov.br/noticias/pge-obtem-decisao-que-autoriza-a-construcao-da-ponte-que-ligara-barreirinhas-aos-lencois-maranhenses>. Acesso em: 10 out. 2023.

¹⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/08/29/parque-nacional-dos-lencois-maranhenses-passa-por-avaliacao-tecnica-para-concorrer-a-titulo-de-patrimonio-natural-da-humanidade.ghtml>, acesso em 10 out. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cppi-n-293-de-22-de-novembro-de-2023-527802082>. Acesso em: 14 abr. 2024.

surgimento de lagoas, e o verão (julho a dezembro), caracterizado pela estiagem. O “ritmo ecológico” (Evans-Pritchard, 1976), que determina a dinâmica ambiental nessa região, promove alterações na paisagem. Após três meses sem chuva, o PNLM adquire características semelhantes às de um deserto, com as lagoas e igarapés secando e uma grande quantidade de poeira surgindo das áreas que antes estavam alagadas.

Coincidentemente ao início do verão no nordeste e ao período de férias no Brasil (julho) e na Europa (julho e agosto), se inicia a alta temporada do turismo no PNLM. Esta vai do mês de junho até meados de setembro. Nesse período, o parque passa a ter suas praias, lagoas e dunas frequentadas por turistas nacionais e, principalmente, estrangeiros. Nesse período, as famílias se organizam levando em consideração essa dinâmica de visitação.

Na baixa temporada do turismo (outubro a junho), a maioria das estruturas de atendimento ao turismo de agentes econômicos do ramo, fecham. Apenas aquelas pertencentes às famílias de comunidades locais que estão no circuito do turismo, funcionam ao longo do ano. Durante a baixa temporada do turismo, a maioria dos turistas que visitam o PNLM são brasileiros.

Em 2023, o número de visitação ao PNLM chegou a 408.235, o que lhe garantiu a sexta posição no ranking dos dez parques nacionais mais visitados do país no último ano¹². Assim, “os lugares surgem como ‘locais turísticos’ quando são registrados em círculos de antecipação, performance e lembrança. Eles são produzidos econômica, política e culturalmente por meio de mobilidades em redes de capital, pessoas, objetos, signos e informações” (Urry; Larsen, 2021, p. 223). A transformação dessa unidade de conservação em um local turístico proeminente resultou de investimentos tanto em infraestruturas quanto em campanhas de motivação e produção de signos – “paraíso natural”, “destino perfeito para aqueles que buscam aventura e contemplação da natureza”.

As ações voltadas para promoção do PNLM como um local turístico passou a despertar o interesse de agentes políticos e econômicos. Em relação a Atins, as famílias relatam que, com o aparecimento de turistas na região, a parte de Atins situada fora dos limites do PNLM passou a ser vista como um local estratégico por “empresários” interessados em construir estruturas para atender os turistas. Isso ocorre porque essa área

¹² Disponível em: [Link: https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/visitacao-em-parques-nacionais-batem-recorde-em-2023-e-consolida-o-ecoturismo-entre-as-preferencias-dos-viajantes](https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/visitacao-em-parques-nacionais-batem-recorde-em-2023-e-consolida-o-ecoturismo-entre-as-preferencias-dos-viajantes). Acesso em: 07 abr. 2024.

está sujeita a regulamentações e fiscalização menos rigorosas que aquelas localizadas dentro dos limites do PNLN.

A construção dessas estruturas tem acarretado um processo de modificação da paisagem local, um aumento significativo no número de visitantes, especulação imobiliária, elevação do custo de vida para as famílias locais, aparecimento de drogas na região, bem como episódios de assaltos e disputas em torno dos usos dos recursos naturais historicamente manejados pelas famílias.

As áreas de praia, que anteriormente era utilizado pelas famílias de Atins para a pesca, passou a ser disputada com praticantes de *kitesurf*¹³. Esses praticantes acabam “espantando os peixes” devido ao barulho produzido pelas pranchas na água e danificam as redes de pesca durante a prática do esporte, ao realizar manobras muito próximas aos pescadores em suas canoas. Além desses problemas, os barcos de pesca das famílias agora são impedidos de ficar ancorados próximos às escolas de *kitesurf* pois, segundo seus proprietários, dificultam as aulas ministradas aos praticantes do esporte durante a alta temporada. Com o grande fluxo de turistas, uma camada espessa de protetor solar se acumula nas lagoas perenes, o que tem levado as famílias a deixarem de utilizar algumas delas, já que os peixes nelas encontrados não podem mais ser consumidos.

Silvia Federici – pensando sobre a política dos comuns sob uma perspectiva feminista – discorre sobre como a linguagem dos bens comuns foi apropriada pelo Banco Mundial e as Nações Unidas desde os anos 90 e colocada a serviço da privatização.

[...] Sob falso pretexto de proteger biodiversidades e conservar bens comuns globais, o Banco transformou florestas tropicais em reservas ecológicas, expulsou populações que por séculos tiraram sua subsistência delas, ao mesmo tempo que garantiu o acesso para pessoas que pudessem pagar por ele – como o ecoturismo, por exemplo (Federici, 2019, p. 396)

De acordo com a autora, o capital vem aprendendo sobre as virtudes do bem comum e subvertendo seus princípios para servir aos interesses mercadológicos. Além disso, sob o argumento de que é preciso preservar uma “herança comum da humanidade”, determinados grupos sociais são constituídos como descartáveis.

Construindo um olhar sobre a problemática

Segundo Cohn (2005, p. 10), “[...] estudar as crianças tem sido um desafio para a antropologia. As razões são muitas e, a principal, parece ser justamente a dificuldade em reconhecer na criança um objeto legítimo de estudo [...]”. A criança é apresentada como

¹³ Esporte aquático que utiliza uma prancha e uma pipa que é puxada pelo vento, permitindo assim que o praticante do esporte deslize sobre a água, realizando diferentes manobras.

um ser incompleto, dependente, que deve ser socializado para se tornar algo, o adulto, o racional. Mas como fugir dessa “imagem em negativo” da criança? A autora, destaca que “[...] aí está a grande contribuição que a antropologia pode dar aos estudos das crianças: a de fornecer um modelo analítico que permite entendê-las por si mesmas [...]” (Cohn, 2005, p. 9).

A incorporação numa estrutura social existente e a caracterização de um indivíduo em Atins com o *status* de criança, jovem ou adulto não está relacionada diretamente a idade. Ocorre por meio de um conjunto de habilidades que esse indivíduo possui. Habilidades essas que são aprendidas através da observação e da experimentação numa união entre práticas lúdicas e outras referentes ao mundo do trabalho. Essas habilidades, por sua vez, implicam em responsabilidades distintas e correspondentes.

Algo marcante na infância das crianças de Atins é o que Sousa (2017) chamou de “trilogia da infância”, em referência à infância das crianças Capuxu da Paraíba. Esse conceito diz respeito a uma articulação entre aprendizagem, ludicidade e trabalho. Segundo a autora, tais elementos se relacionam e visam a inserção das crianças no modo de vida de uma determinada comunidade.

Quando uma criança de Atins disputa com os irmãos sobre quem vai conseguir capturar mais siri no mar, acrescenta o fator ludicidade ao trabalho de coletar crustáceos necessários para o consumo familiar. Além de associarem ludicidade e trabalho, aprendem com os irmãos técnicas corporais necessárias para o desenvolvimento dessa atividade tradicionalmente realizada.

É importante sublinhar a transitoriedade de categorias sociais como crianças, jovens e adultos que dependem não só de fatores sociais, mas também de características físicas. Esse aspecto é sublinhado por Meyer Fortes (2011) ao enfatizar o ciclo de desenvolvimento biológico de integrantes de grupos domésticos.

Ser jovem em Atins, diferentemente de ser criança, significa, no caso dos indivíduos do sexo masculino, poder praticar a pesca de beirada¹⁴ no mar com outro colega sem necessariamente ter a supervisão familiar. Significa ter capacidade física de montar a cavalo e conhecimentos específicos necessários para se localizar em meio à *morraria*¹⁵. Assim como ser considerado socialmente capaz para trabalhar em pousadas

¹⁴ Modalidade de pesca artesanal. Para mais informações, ver a monografia de conclusão de curso de Lícia Cristina Viana Santos “A participação das mulheres na pesca artesanal no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: o caso da mariscagem em Atins, 2018.

¹⁵ Como os moradores denominam o campo de dunas.

como “molhador de plantas”¹⁶, por exemplo. Já no caso dos indivíduos do sexo feminino, significa poder assumir as atividades do âmbito doméstico e ser cozinheira, garçomete em restaurantes.

A participação de crianças nas formas cotidianas de resistência no PNL

Devido as interferências do Estado, por meio dos agentes do órgão ambiental, nas atividades tradicionalmente realizadas, e a intensificação do turismo desenvolvido por distintos agentes econômicos, as famílias de Atins passaram a considerar as atividades ligadas ao turismo como uma alternativa econômica para complementação da renda familiar. Ademais de representarem uma nova alternativa econômica para auxiliar na manutenção da unidade doméstica, os arranjos familiares para assegurarem o envolvimento com as atividades do turismo podem ser considerados tanto como uma estratégia para permanência nessa unidade de conservação de tipo integral, como também uma forma cotidiana de resistência, conforme sublinhado por James Scott (2002).

Em Atins, o envolvimento das famílias em atividades relacionadas ao turismo se manifesta através de dois movimentos distintos. O primeiro refere-se à prática de atividades relacionadas ao turismo por moradores da comunidade, que atuam como empregados nas estruturas dos empresários.

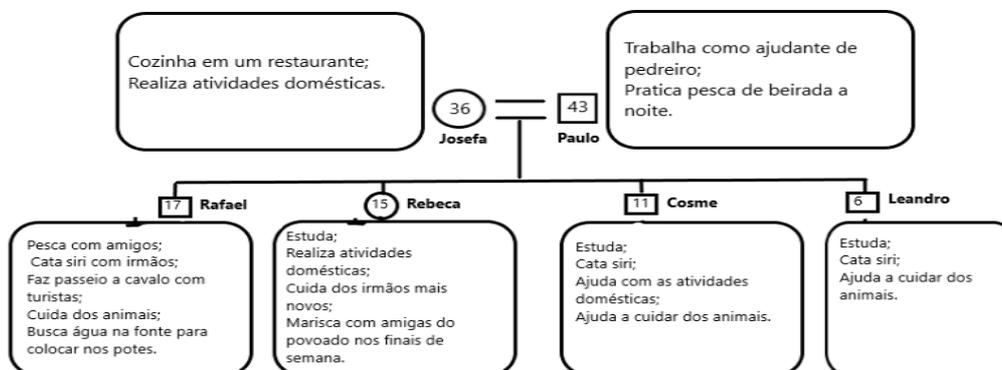
As famílias que residem na parte de Atins situada dentro dos limites do PNL, devido às intervenções dos agentes do ICMBio relacionadas à construção e reforma de novas estruturas dentro do parque, passaram a se envolver com o turismo, inicialmente, como pedreiros e ajudantes de pedreiros, construindo estruturas de empresários que chegavam a Atins. Posteriormente, após a conclusão das obras, os proprietários dessas estruturas passaram a contratar homens adultos e jovens para desempenharem funções como molhadores de planta (jardineiros), garçons, motoristas e guias turísticos, enquanto mulheres adultas e jovens eram contratadas para ocuparem cargos de atendentes, cozinheiras, auxiliares de cozinha, arrumadeiras, faxineiras, garçometes e babás dos filhos dos proprietários dessas instalações.

Assim, durante a alta temporada do turismo, as famílias se organizam considerando a realização de atividades ligadas ao setor. Aquelas que não participam dessas atividades geralmente são compostas por membros aposentados ou por

¹⁶ Modo como os moradores se referem aqueles que desempenham a função de jardineiro, ou seja, que cuidam dos jardins das pousadas. Essa atividade é predominantemente desenvolvida por jovens do sexo masculino a partir de 15 anos.

trabalhadores assalariados, contratados ou concursados, que desempenham funções nas duas escolas ou no posto de saúde de Atins.

Figura 2 – Exemplo de arranjo familiar na alta temporada do turismo



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de pesquisa, 2019.

Na figura 2, podemos observar o exemplo de um arranjo familiar durante a alta temporada em Atins. Enquanto os pais – Josefa e Paulo¹⁷, desenvolvem atividades relacionadas ao turismo, os filhos – Rafael, Rebeca, Cosme e Leandro, envolvem-se mais diretamente com atividades tradicionalmente realizadas.

Por conta do ritmo intensivo de trabalho que essa época do ano exige, ocorre uma dispersão dos membros adultos dessas famílias nos diferentes empreendimentos voltados ao atendimento de turistas. Os adultos passam a trabalhar até 15h ininterruptas por dia, sete dias na semana e algumas mulheres ainda chegam a dormir no trabalho.

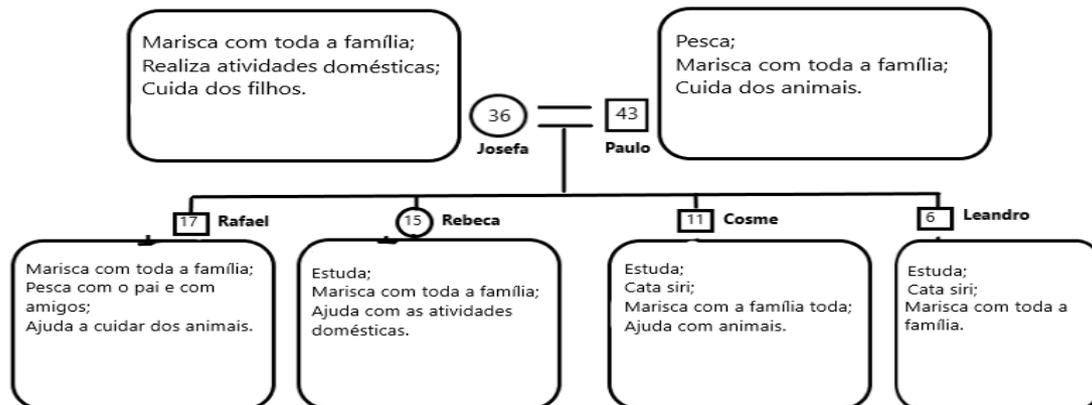
As atividades relacionadas ao turismo realizadas pelos adultos, somente é possível porque as crianças dessa comunidade tradicional possuem um conjunto de saberes específicos que lhes permitem desempenhar um papel fundamental na manutenção familiar ao assumirem maiores funções relacionadas às atividades tradicionalmente realizadas durante a alta do turismo.

Mesmo possuindo um “caráter de ajuda” (SOUSA, 2017), o processo de aprendizagem dessas atividades e sua realização é fundamental para a continuidade do modo de vida dessas famílias e possibilita que essas crianças aprendam desde cedo o que significa fazer parte dessa comunidade. Permite que elas saibam, por exemplo, os tipos de peixes pescados pelos pais e consumidos pela família, a localização dos lugares de mariscagem, técnicas corporais necessárias para a captura dos mariscos, assim como a compreensão de que os mariscos são seres vivos e que se movimentam e quando devem levar os siris para casa ou devolver ao mar.

¹⁷ Utilizarei pseudônimos com intuito de assegurar o anonimato dos membros das famílias dessa comunidade tradicional.

Durante a Baixa temporada, o igarapé e as lagoas secam, os turistas se tornam mais raros, a maioria dos empreendimentos de empresários voltados para atender a esse público fecham e os arranjos familiares se modificam novamente. Nesse período, há um retorno e concentração dos membros adultos no ambiente doméstico e as atividades tradicionalmente realizadas voltam a ocupar lugar de destaque, passando a ser desenvolvidas por toda a família.

Figura 3 – Exemplo de arranjo familiar na baixa temporada do turismo



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados de pesquisa, 2019.

Na figura 3, podemos observar como o arranjo familiar muda de acordo com a temporada. Nesse caso, mesmo sendo a mesma família, devido ao retorno dos adultos para o ambiente familiar durante a baixa temporada, a divisão social do trabalho muda. Agora, as atividades tradicionalmente realizadas são prioritariamente desenvolvidas por todos os membros da família.

Os homens adultos juntamente com seus filhos voltam a pescar durante a semana de acordo com o horário da maré, roçam quintais, arrumam cercados, cuidam das ovelhas e alguns continuam trabalhando na construção de pousadas como pedreiros e ajudantes de pedreiros de modo mais intenso, para que tudo esteja pronto para quando os turistas retornarem na temporada seguinte.

As mulheres adultas mariscam junto com seus filhos e auxiliam os maridos na pesca quando ainda não têm filhos. Passam a se dedicar mais diretamente ao ambiente doméstico, varrendo a casa, lavando a louça, a roupa, fazendo comida. E, ocasionalmente, também são solicitadas para realizar a limpeza de casas de veraneio.

As crianças frequentam a escola, acompanham os pais nas pescarias e na coleta de mariscos, e ajudam as mães nas tarefas domésticas. Os meninos têm a responsabilidade de buscar água na fonte e auxiliar o pai na criação de ovelhas e no cuidado com os cavalos. Além disso, eles se envolvem ativamente nas atividades de pesca.

Os pais, os adultos, precisam que as crianças desenvolvam atividades como mariscagem, pesca, junto com seus irmãos mais velhos, e que compartilhem as tarefas domésticas entre si. Isso acontece porque, em certos momentos, os pais estão ocupados com atividades relacionadas ao turismo, que proporcionam renda complementar para manutenção da unidade doméstica.

O segundo movimento, refere-se às iniciativas locais de atendimento ao turismo. Nos últimos anos, devido à crescente atividade turística na comunidade, as famílias que residem na parte de Atins que não está dentro dos limites do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), assim como quatro famílias que vivem dentro desses limites, adaptaram parte de suas residências para oferecer serviços aos turistas que visitam a região. Aqueles que ganharam experiência trabalhando em pousadas e restaurantes de empresários, e conseguiram economizar dinheiro ou obter financiamento bancário, estabeleceram suas próprias estruturas de atendimento a turistas.

Em 2022, identifiquei 31 iniciativas de prestação de serviços turísticos pertencentes às famílias da comunidade de Atins. Essas iniciativas incluem uma variedade de opções de hospedagem e serviços, distribuídas da seguinte forma: 7 pousadas, 1 hostel, 1 dormitório/camping, 1 chalé, 8 agências de turismo, 1 loja de artesanato, 1 doceria, 1 farmácia, 1 cooperativa de transporte turístico, 1 frutaria, 1 frigorífico, 1 café, 1 depósito de bebidas, 1 comércio e 4 restaurantes.

Essas iniciativas variam em termos de tempo de existência, capacidade de atendimento de turistas, quantidade de pessoas envolvidas na realização das atividades, tamanho do espaço físico, capacidade de articulação com moradores de outras regiões do PNLM e com fornecedores de Barreirinhas e de outros estados para aquisição insumos.

No entanto, elas compartilham características arquitetônicas, como o uso de materiais típicos da comunidade em sua construção, além de serem resultado do trabalho familiar. Esses estabelecimentos permanecem abertos durante todo o ano e dependerem dos excedentes da alta temporada para realizar qualquer investimento na estrutura.

Nesse novo cenário, as crianças que começamos a acompanhar desde o início da pesquisa em Atins, e que cresceram com a presença do turismo sazonal em seu território, agora são jovens que já estabeleceram suas próprias estruturas de atendimento ao turismo, como é o caso de Mailson.

Mailson, atualmente proprietário da Lençóis Cavalgadas, tem sido nosso interlocutor de pesquisa desde 2017, quando começamos a realizar trabalhos de campo em Atins. Nascido em 2003, Mailson começou a se envolver com atividades relacionadas

ao turismo aos 14 anos. Foi nessa idade que ele conduziu seu primeiro passeio a cavalo com um grupo de turistas interessados vivenciar essa experiência.

Naquela época, Mailson foi selecionado para realizar essa atividade porque, entre os quatro filhos de Dona Luza, ele era o único que ainda não trabalhava com seu pai como ajudante de pedreiro. Além disso, ele possuía habilidades físicas e conhecimento específico para montar a cavalo e se orientar entre as dunas, e demonstrava interesse em se envolver com a atividade, ao contrário de seu irmão mais novo.

Os passeios para ver o pôr do sol nas dunas custavam 70,00 reais naquela época, e os cavalos utilizados eram os mesmos que a família utilizava para se locomover dentro do Parque. O dinheiro obtido com esses passeios era usado para comprar ração e remédios para os cavalos, bem como para ajudar nas despesas da casa. Como incentivo, Dona Luza, responsável pela administração dos recursos dessa atividade, repassava uma pequena parte a Mailson.

Além da realização esporádica de passeios a cavalo, geralmente durante a alta temporada do turismo, Mailson continuava ao longo do ano com atividades tradicionais, como a *pesca de beirada* com seu pai, a captura de siris na beira da praia com seus irmãos, a mariscagem com sua mãe, e ajudava seu pai com a criação de ovelhas.

Aos 16 anos, além dos passeios, que eram raros naquela época, Mailson começou a trabalhar como garçom em uma pousada de um empresário em Atins durante a alta temporada do turismo. O dinheiro que ele recebia não apenas ajudava a complementar a renda familiar, mas também foi reinvestido na compra de outro cavalo.

Em 2022, aos 19 anos, Mailson estabeleceu a Lençóis Cavalgadas, uma iniciativa de atendimento a turistas. Atualmente, os passeios a cavalo custam 250,00 reais por cavalo, com duração de meio período (manhã ou tarde), e 500,00 reais por cavalo, com duração de um dia inteiro. A família de Mailson possui três cavalos. Os passeios partem de Atins, passam por Ponta do Mangue (um povoado próximo) e incluem a visitação de lagoas que não fazem parte do roteiro tradicional de visitação. São lagoas conhecidas por ele e por outras pessoas da comunidade. O passeio é concluído com a contemplação do pôr do sol nas dunas.

Diferentemente dos empresários que oferecem passeios para as dunas e lagoas em quadriciclos ou caminhonetes, apenas as famílias de Atins oferecem passeios a cavalo aos turistas que visitam a comunidade, pois só elas criam esses animais na região. Além disso, os passeios realizados por Mailson e outros jovens da comunidade são possíveis devido aos conhecimentos específicos que possuem para se localizar entre as dunas e conhecer

lagoas e rotas alternativas, muitas vezes menos frequentadas. Essa atividade, realizada algumas vezes durante a alta temporada do turismo, permite que Mailson atenda a outras demandas importantes para a reprodução social e material de sua família.

Assim, o envolvimento das famílias de Atins com as diferentes atividades se dá de acordo com a sazonalidade (Mauss, 2003) e os arranjos familiares. Este último é definido de acordo com a renda da família, quantidade de membros, habilidades de cada membro e gênero, além da possibilidade de relações estabelecidas com outras famílias da comunidade.

Considerações finais

Em meio às interferências do Estado e de agentes políticos e econômicos interessados em transformar bens comuns, historicamente manejados pelas famílias de Atins, em mercadoria a ser comercializada a quem pode pagar (os turistas), as mulheres e homens de Atins (adultos, jovens e crianças) têm resistido e assegurado suas permanências nessa unidade de conservação ambiental por meio da construção de arranjos familiares que envolvem tanto o desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo, quanto a percepção de que é preciso dar condições para as crianças e jovens existirem, expressas na importância do ensino de um ofício “ser pescador, ser marisqueira” para construção de futuros possíveis.

O ofício de marisqueira e pescador, o envolvimento com a atividade de criação de animais e as atividades desenvolvidas no âmbito da casa é ensinado às crianças desde tenra idade. Entretanto, o trabalho nessa fase é caracterizado como mais “leve” e assume um “caráter de ajuda” (Sousa, 2017).

Em Atins, desde tenra idade, as crianças recebem da mãe uma bacia ou um balde pequeno e são levadas desde pequenas para catarem mariscos, ganham um *jeré* do pai para capturarem siri, são incentivadas a colocar as ovelhas dentro do cercado no final de cada dia, a alimentar as galinhas, a lavar as louças, ajudar a mãe a fazer comida. Mesmo possuindo um “caráter de ajuda”, o processo de aprendizagem dessas atividades é fundamental para a construção de futuros possíveis e possibilita que essas crianças aprendam desde cedo o que significa fazer parte dessa comunidade.

Assim, as atividades desenvolvidas pelos agentes classificados como crianças são um exemplo de como elas são fundamentais para um movimento maior de resistência cotidiana (Scott, 2002). Mesmo que tal movimento não seja organizado politicamente, ele é necessário para dar continuidade a reprodução social dessas famílias.

Referências

ANDRADE, M. P.; SOUZA FILHO, B. **Plantar, Criar, Pescar: comunidades tradicionais e modalidades de interação com a natureza no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Relatório de pesquisa. São Luís: UFMA, 2017.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). **Sociedades caboclas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: FAPESP/Anna Blume, 2006. p. 109-143.

BRASIL. Decreto nº 10.147, de 02 de dezembro de 2019. **Dispõe sobre a qualificação de unidades de conservação no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República e sobre a sua inclusão no Programa Nacional de Desestatização**. Brasília, 02 de dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10147.htm>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRASIL. **Plano de Uso Público do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Ed. 66, Seção: 1, p. 581. 06 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/parna-dos-lencois-maranhenses/copy_of_plano_uso_publico_pnlm.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BRASIL. Portaria nº 99, de 18 de fevereiro de 2022. **Altera parte do Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, situado no estado do Maranhão (Processo nº 02123.000221/2018-54)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Ed. 39, Seção: 1, p. 102. 24 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-99-de-18-de-fevereiro-de-2022-382401186>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: _____. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 277-300.

DIAS, R. **Tempo de muito chapéu e pouca cabeça, de muito pasto e pouco rastro: ação estatal e suas implicações para comunidades tradicionais no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

EVANS-PRITCHARD, E. Cap. 2 – Ecologia; Cap. 3 – Tempo e espaço. In: **Os Nuer**. A descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilótico. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 61-150.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 379-394 [2010].

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico**. Tradução: Alcida Rita Ramos. Brasília: UnB-Departamento de Antropologia, 2011.

LITTLE, P. A etnografia dos conflitos socioambientais: bases metodológicas e empíricas. **Anais do I Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (Anppas)**. Indaiatuba, maio de 2004. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT17/gt17_little.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

- LITTLE, P. Territórios Sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. In: **Horizontes Antropológicos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 2-32.
- MAUSS, M. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 423-502.
- PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PEREIRA, Mônica Sousa. **NAMORO NO PALMEIRAL: Produção artesanal, sistemas de conhecimento e manejo das palmeiras de buriti no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2018.
- SACHS, Wolfgang. Meio ambiente. In: SACHS, Wolfgang (Org.). **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SANTOS, Lícia Cristina Viana Silva. **A participação das mulheres na pesca artesanal no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: o caso da mariscagem em Atins. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2018.
- SCOTT, James C. Formas cotidianas da resistência camponesa. In: **Revista Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 10-31, jan./jun. 2002.
- SILVA, Lays Helena Paes e. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. In: **E-cadernos CES (Online)**, Coimbra, v. 17, p. 85-111, 2012.
- SOUSA, Emilene Leite de. **Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017.
- URRY; LARSEN. **O olhar do turista 3.0**. Tradução Leonardo Abramowicz. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.